

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
LUANNA PAULA GARCIA MIRANDA

CINEMATECA DE CASCAVEL

Cascavel

2017

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
LUANNA PAULA GARCIA MIRANDA

CINEMATECA DE CASCAVEL

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Projetual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Orientador: Profº Arqº Guilherme Ribeiro de Souza Marcon

Cascavel

2017

RESUMO

O Trabalho a seguir tem como primordial objetivo ser um requisito parcial de aprovação para a modalidade projetual da disciplina de TCC (Trabalho de conclusão de curso). A monografia está direcionada e enquadrada na linha de pesquisa do orientador Guilherme Ribeiro de Souza Marcon. O documento a seguir serve como fundamento da proposta de uma Cinemateca para a cidade de Cascavel, e é referencial bibliográfico para o princípio do anteprojeto, colocando-se a atuar como uma acupuntura urbana em determinado local, servindo também de elemento de intervenção urbanística. Para a pesquisa e a composição deste material, foram unidas bibliografias de autores que escrevem sobre acupuntura e intervenção na paisagem urbana, são eles, Jaime Lerner, Heliana Vargas e Ana Luiza Castilho. Tendo como base os fundamentos e diretrizes sobre a relevância social do cinema na vida da sociedade, o impacto histórico do cinema no mundo, dentre outros assuntos, a possível existência do cinema de volta ao espaço urbano. A escolha da cidade de Cascavel se justifica, como colocado no livro Cidades Inovadoras: Cascavel 2030, por estar perto de países do Mercosul e ter a possibilidade de criar um corredor cultural com esses instrumentos que serão implantados, finalizando com os fundamentos projetuais para que realmente a Cinemateca tenha relação com o entorno, e ainda o levantamento do programa de necessidades e os outros itens de importância para o tema.

Palavras chave: Cinema; Acupuntura Urbana; Arquitetura e Urbanismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01: VISTA INTERNA CINEMATECA NACIONAL	23
FIGURA 02: ANALISE CONSTRUTIVA	25
FIGURA 03: IMAGEM INTERNA COM ENTRADA DE ILUMINAÇÃO	26
FIGURA 04: IMAGEM INTERNA (ASPECTO ESTÉTICO)	27
FIGURA 05: IMAGEM AÉREA PARA ANALISE DO ENTORNO	28
FIGURA 06: IMPLANTAÇÃO	30
FIGURA 07: CASCATA DE GRANITO	31
FIGURA 08: VISTA SUPERIOR CENTRO GASTRONÔMICO CULTURAL.....	32
FIGURA 09: IMPLANTAÇÃO CENTRO GASTRONÔMICO CULTURAL	33
FIGURA 10: O CENTRO COMO CIDADE INCORPORADA	34
FIGURA 11: VISTA PÁTIO CENTRAL (ÁREA DE LAZER).....	35
FIGURA 12: MAPA DO OESTE DO PARANA	37
FIGURA 13: CONSULTA PRÉVIA	39
FIGURA 14: TRIANGULO CULTURAL DE CASCAVEL	40
FIGURA 15: RUA ERECHIM	41
FIGURA 16: RUA RIO GRANDE DO SUL	41
FIGURA 17: RUA CARLOS GOMES ESQUINA COM A RIO GRANDE DO SUL.....	42

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 ADERÊNCIA DA PESQUISA AO GRUPO DE PESQUISA	8
1.2 ASSUNTO/TEMA	8
1.3 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	8
1.4 PROBLEMA DA PESQUISA	9
1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA	9
1.5.1 GERAL	9
1.5.2 ESPECÍFICO	9
1.6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO.....	10
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO	10
2.1 A ORIGEM DO CINEMA	10
2.3 CINEMA X ARQUITETURA.....	15
2.3 O CINEMA E O ESPAÇO URBANO	17
2.4 TÉCNICAS SUSTENTÁVEIS	20
3. CORRELATOS	22
3.1 CINEMATECA NACIONAL DO SÉCULO XXI.....	23
3.1.1 ASPECTO CONTEXTUAL	23
3.1.2 ASPECTO CONSTRUTIVO.....	24
3.1.3 ASPECTO FUNCIONAL	25
3.1.4 ASPECTO ESTÉTICO	26
3.2 BEIQUIA TECHNOLOGY BUSINESS DISTRICT	27
3.2.1 ASPECTO CONTEXTUAL	27
3.2.2 ASPECTO CONSTRUTIVO.....	28
3.2.3 ASPECTO FUNCIONAL	29
3.2.4 ASPECTO ESTÉTICO	30

3.3 CENTRO GASTRONÔMICO CULTURAL	31
3.3.1 ASPECTO CONTEXTUAL	31
3.3.2 ASPECTO CONSTRUTIVO	32
3.3.3 ASPECTO FUNCIONAL	34
3.3.4 ASPECTO ESTÉTICO	35
4 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO - DIRETRIZES PROJETUAIS	36
4.1 BREVE HISTÓRICO DE CASCAVEL	36
4.2 LOCALIZAÇÃO	38
4.3 INTENÇÕES FORMAIS E ESPACIAIS.....	42
4.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A arquitetura e o urbanismo são instrumentos de construção das cidades. Conforme dito por Smolarek (2008), “Arquitetura é a arte ou ciência de projetar espaços organizados, por meio do agenciamento urbano e da edificação, para abrigar os diferentes tipos de atividades humanas”. Com um outro ponto de vista, a arquitetura pode servir de elemento de identidade, de preservação de determinada área ou local. O urbanismo não foge a essa realidade, sendo um fundamento que proporciona um bom planejamento urbano das cidades, o bom desenho urbano e as propostas legais, instrumentos de organização espacial das cidades.

A seguinte monografia é item de pré-requisito de aprovação em graduação para o curso de arquitetura e urbanismo do Centro Universitário – FAG. Esta pesquisa abordará diretrizes e fundamentos relacionados à arquitetura e ao urbanismo, buscando justificar o tema e o porquê de uma Cinemateca em Cascavel - PR, que será implantado em um terreno degradado para funcionar como uma acupuntura urbana termo usado pelo arquiteto e urbanista Jaime Lerner, visando tornar-se num marco visual e de identidade.

A proposta de uma Cinemateca¹ em cascavel, se fez pelo fato de Cascavel ser um pólo cultural, e também aproveitando de sua localização geográfica, Cascavel pode formalizar parcerias com países do Mercosul (Argentina e Paraguai), assim formando um “Corredor Cultural”. A cidade por ser um polo regional, e ter o favorecimento de estar próximo a dois países, implementar uma Cinemateca, possibilitaria a democratização dos bens, serviços culturais e também o despertar das pessoas para que elas compreendessem que mais que consumidoras, são também produtoras de cultura.

Como um elemento de intervenção e acupuntura, foi embasado uma pesquisa para que a Cinemateca fosse implantada em locais que passam por problemas de desenvolvimento, social, cultural e urbanístico. O projeto busca revitalizar e recuperar “áreas doentes”, constituindo uma valorização sociocultural aonde edificado. Portanto o problema da pesquisa vai ser procurar entender como é possível através da obra de arquitetura tornar-se uma intervenção urbana e tentar resolver os problemas socioculturais no local que será inserido a obra.

O desenvolvimento do trabalho será por meio de uma pesquisa bibliográfica que vão dar suporte e fundamentos para a concretização do projeto.

¹ Segundo o Dicionário Aurélio (2003), uma Cinemateca corresponde ao local onde se conservam os filmes cinematográficos, em especial os considerados de valor cultural ou artístico.

Esta monografia segue a temática de pesquisa do Arquiteto, Professor Guilherme Ribeiro de Souza Marcon, na linha de pesquisa PARQ, que se dedica ao projeto de arquitetura no contexto urbano.

1.1 ADERÊNCIA DE PESQUISA AO GRUPO DE PESQUISA

Este trabalho está inserido dentro da linha de pesquisa intitulada “Arquitetura e Urbanismo”, no qual apresentará através de uma pesquisa teórica a proposta de um projeto arquitetônico, baseando-se em bibliografias, a contextualização e o embasamento teórico, sendo de primordial responsabilidade, a parte social, cultural e ambiental do local que será inserida a obra.

A seguinte pesquisa está integrada no grupo de pesquisa “Projetos de Arquitetura no contexto urbano”, que enquadra todos estudos teóricos que nos nortearam na análise do entorno, terreno e contribuíram para o desenvolvimento da proposta arquitetônica.

1.2 ASSUNTO E TEMA

O assunto a ser tratado na linha de pesquisa é a importância do cinema, uma arte cultural, nas ruas, no tecido urbano, e o que pode proporcionar para diferentes áreas no desenvolvimento regional.

1.3 JUSTIFICATIVAS PARA A PESQUISA

A proposta de uma Cinemateca em Cascavel, se fez pelo fato de Cascavel ser um pólo cultural, e também aproveitando de sua localização geográfica, Cascavel pode formalizar parcerias com países do Mercosul (Argentina e Paraguai), assim formando um “Corredor Cultural”. A cidade por ser um polo regional, e ter o favorecimento de estar próximo a dois países, implementar uma Cinemateca, possibilitaria a democratização dos bens, serviços culturais e também o despertar das pessoas para que elas compreendessem que mais que consumidoras, são também produtoras de cultura.

O Projeto visa não só a introdução do cinema no tecido urbano, mas também a capacitação de profissionais na área cinematográfica.

1.4 PROBLEMA DA PESQUISA

Na cidade de Cascavel, possuem áreas degradadas pelo fato de um desenvolvimento desorganizado. Essas áreas são compostas por vazios urbanos. Como um elemento de intervenção, foi embasado uma pesquisa para que a Cinemateca fosse implantada em locais que passam por problemas de desenvolvimento, social, cultural e urbanístico. O projeto busca causar um desenvolvimento no local que for inserido, constituindo uma valorização sociocultural aonde edificado. Portanto o problema é: O Projeto Arquitetônico de uma Cinemateca, aumentará o desenvolvimento local cultural aonde for inserido?

1.5 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.5.1 GERAL

O principal objetivo do trabalho é a proposta projetual de uma Cinemateca. O projeto busca a união de cultura x cidade salientando-se que esse equipamento cultural seja um meio de capacitar e melhorar não só a cultura, mas também a educação, a qualidade de vida e a capacitação profissional referente ao cinema.

1.5.2 ESPECÍFICOS

- Relatar a importância da cultura;
- Propor um cinema ao ar livre para desenvolvimento de projetos ali criados;
- Oferecer capacitação profissional;
- Proporcionar técnicas sustentáveis para o cinema;
- Melhorar o espaço urbano, ocupando uma área degradada da cidade;

1.6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

São inúmeros os relatos que falam da autonomia da projeção nos primórdios do cinema. O fato de os filmes serem vendidos pelos produtores, ao invés de arrendados (MACHADO, 2002: 91 apud MENOTTI, 2010 pg. 11). Mostra como o foco da indústria no início do século passado era bem diferente do de hoje em dia. O moviegoing se configurava mais como um ir

ao cinema do que um ir ver um filme – mesmo porque o “filme” se realizava na hora, como pura experiência cinematográfica (MENOTTI, 2010 pg. 11).

Hoje em dia de acordo com (FRIEDBERD, 1994: 95 apud MENOTTI, 2010 pg. 12) A projeção do filme acaba se tornando uma espécie de espetáculo de marketing para uma série de mercados acessórios, e a sala de cinema passa a ser nada mais do que uma vitrine.

De acordo com (MENOTTI, 2010 pg. 12),

A exibição se tornou um procedimento cada vez mais transparente, de forma que o mínimo de interferência atuasse sobre a fruição do filme tal como ela havia sido originalmente planeada. Por isso, tanto o ruidoso Nickelodeon quanto o opulento movie palace acabaram substituídos pelo multiplex de centro comercial, local de consumo por excelência, cuja arquitetura espartana não possui qualquer marco espacial e favorece um fluxo ininterrupto de público e de obras (MENOTTI, 2010).

1.7 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia abordada neste projeto é a Pesquisa Exploratória. Assim como afirma RODRIGUES, (2007, pg. 3), “Seu objetivo é a caracterização inicial do problema, sua classificação e de sua definição. Constitui o primeiro estágio de toda a pesquisa científica”.

Os estudos foram realizados e apresentados de modo bibliográfico:

[...] A pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 1994).

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E SUPORTE TEÓRICO

Neste capítulo será abordado os fundamentos que irão nortear os assuntos a serem aplicados no projeto posteriormente desenvolvido.

2.1 A ORIGEM DO CINEMA

Pegando como base o livro “A História do Cinema Mundial” de Fernando Mascarello (2006), quando se iniciava o século XXI, a sétima arte apresentou uma fase de predominância referente as imagens. Por volta de 1895, não tinha uma identidade própria e encontrava-se misturada a outras formas culturais. As invenções que reproduziam os filmes apareceram como mais uma curiosidade entre as várias que surgiram no final do século XIX. Essas invenções, ou seria melhor dizer, esses aparelhos que reproduziam filmes eram apresentados em palestras, em círculos de cientistas, exposições universais e também como forma de entretenimento popular, como circos, parque de diversões etc.

Conforme dito por Mascarello:

“Não existiu um único descobridor do cinema, e os aparatos que a invenção envolve não surgiram repentinamente num único lugar. Uma conjunção de circunstâncias técnicas aconteceu quando, no final do século XIX, vários inventores passaram a mostrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento: o aperfeiçoamento nas técnicas fotográficas, a invenção do celuloide (SIC) (o primeiro suporte fotográfico flexível, que permitia a passagem por câmeras e projetores) e a aplicação de técnicas de maior precisão na construção dos aparatos de projeção”. (MASCARELLO, 2006, p. 18)

Com uso de um sistema intermitente as primeiras apresentações que exibiam filmes foram entre 1893, no qual Thomas A. Edison marcou nos EUA a patente de seu quinetoscópio, e em 28 de dezembro de 1895, na famosa Paris os irmãos Louis e Auguste Lumière exibiram sua apresentação, pública e privada de seu cinematógrafo. (MASCARELLO, 2006, p.18)

Os irmãos Lumière buscavam um carácter mágico na imagem, como se ela estivesse em movimento e transmitisse clareza em uma duplicação da realidade. (MARTIN, 2003, p.15)

De acordo com Martin (2003, p.15),

No caso de Lumière, o outro pólo original do cinema, a evidência é menos nítida, mas talvez mais demonstrativa. [...] Luminère não tinha consciência de fazer uma obra artística, mas simplesmente de reproduzir a realidade: no entanto, vistos em nossos dias, seus pequenos filmes são surpreendentemente fotogênicos. (MARTIN, 2003, p. 15)

Mascarello (2006, p.19) afirma que os primeiros a fazerem exhibições de filmes públicos e privados não foram os irmãos Luis e Auguste Lumière. No dia primeiro de novembro de 1895, dois meses antes da extraordinária apresentação dos irmãos Lumière, Max e Emil Skladanowsky, que também eram irmãos, exibiram filmes, em seu bioscópio, que era um sistema de projeção, num intervalo de 15 minutos em um grande teatro situado em Berlim.

Entretanto apesar de não terem sido os primeiros, Luis e Auguste eram grandes negociantes. “Auguste e Louis Lumière, apesar de não terem sido os primeiros na corrida. [...] Eram negociantes experientes, que souberam tornar seu invento conhecido no mundo todo e fazer do cinema uma atividade lucrativa, vendendo câmeras e filmes”. (MASCARELLO, 2006, p. 19)

Ao longo de muito tempo, a sétima arte nos primeiros vinte anos foi caracterizada fútil para a história do cinema, colocada apenas como um aglomerado de desajeitadas diretrizes que buscavam alcançar uma narrativa intrínseca ao meio, que seria realizado depois. Nessa época, pelo cinema estar integrado a variedades formas de cultura, como o teatro, o vaudeville, a lanterna mágica e as atrações de feira, a sétima arte se depararia com um novo estágio de linguagem. Os filmes aos poucos teriam passado por cima de suas principais limitações, transformando em arte quando entrassem em contato com os princípios primordiais de sua linguagem, ligados a construção fundamental da narrativa. (MASCARELLO, 2006, p. 22)

[...] O que distingue o cinema de todos os outros meios de expressão culturais é o poder excepcional que vem do fato de sua linguagem funcionar a partir da reprodução fotográfica da realidade. (MARTIN, 2003, p. 18)

Para Munsterberg (2002, p. 27) “A história do cinema dividi-se claramente entre o que ele chama de desenvolvimentos cinematográficos “externos” e “internos”, entre a história e a tecnologia do veículo e a evolução do uso [...]”. O historiador Tom Gunning relata que, “o cinema da primeira década tem uma maneira particular de se dirigir ao espectador, que configura o que ele chamou de “cinema de atrações””.

Nessa fase, o cinema tem uma estratégia apresentativa, de interpelação direta do espectador, com o objetivo de surpreender. O cinema usa convenções representativas de outras mídias. Panorâmicas, travelings e close-ups já existem, mas não são usados

como parte de uma gramática como nos filmes de hoje. Os espectadores estão interessados nos filmes mais como um espetáculo visual do que como uma maneira de contar histórias. Atualidades, filmes de truques, histórias de fadas (féeries) e atos cômicos curtos se tornam cada vez mais populares em espetáculos de variedades em vaudevilles, music halls, museus de cera, quermesses ou como atrações exclusivas em shows itinerantes e travelogues (conferências de viagem ilustradas). É o exibidor quem formata o espetáculo. Há mistura de locações naturais e cenários bastante artificiais. (MASCARELLO, 2006, p. 26)

O cinema se subdivide em dois períodos. O cinema de atrações comentado pelo historiador Tom Gunning e o segundo período, que seria o cinema de transições, quando os filmes se estruturam como um quebra-cabeça narrativo. (MASCARELLO, 2006, p. 26)

O período do primeiro cinema pode ser dividido em duas fases. A primeira corresponde ao domínio do "cinema de atrações" e vai dos primórdios, em 1894, até 1906-1907, quando se inicia a expansão do cinema mundial 25 Nickelodeon e o aumento da demanda por filmes de ficção. A segunda vai de 1906 até 1913-1915 e é o que se chama de "período de transição", quando os filmes passam gradualmente a se estruturar como um quebra-cabeça narrativo, que o espectador tem de montar baseado em convenções exclusivamente cinematográficas. (MASCARELLO, 2006, p. 25 a 26)

Conforme o pensamento de Gabriel Menotti na dissertação *Através da Sala Escura, A sétima arte*, se deu origem em pedaços. Variedades de tecnologias e técnicas, realizadas com diretrizes autônomas, se articularam ao longo dos séculos até que se tornaram sólidas em um processo de produção e consumo. (MENOTTI, 2007, p. 9)

No dia 28 de dezembro de 1895, havia uma projeção realizada no Salon Indien du Grade Café, quando para trinta e dois curiosos, Auguste Lumière e o fotógrafo Clément-Maurice reproduziram 10 filmes. (MENOTTI, 2007, p. 9)

A exibição do Salon Indien foi a primeira pública e pagante. Pública em dois sentidos: em primeiro lugar, ao contrário do que acontecia com o quinetoscópio de Edison, feito para ser utilizado por um espectador de cada vez, a imagem era projetada, de forma que pudesse ser vista por várias pessoas ao mesmo tempo. Esse modelo permitiu estabelecer um circuito de consumo permanente no Salon Indien. Nos primeiros meses de 1896, o lugar nunca esteve vazio. Exibições aconteciam durante todo o dia, e foi o lucro decorrente delas que impulsionou a produção de novas "vistas cinematográficas". (MENOTTI, 2007, p. 10)

Para Menotti, (2007) “Assim, por mais que isso incomode Godard, o cinema enquanto tal surge não com a produção do filme, mas com o seu consumo, sua “exploração comercial”. É ao redor da exibição pública pagante que o cinema floresce; produtores se separam de exibidores; uma indústria se consolida”. (MENOTTI, 2007, p.10)

Conforme Martin, (2003), é o carácter comercial do cinema que constitui sua desvantagem, porque o valor dos investimentos financeiros que necessita, o faz tributo dos poderosos, cujo a única importância é a da rentabilidade; estes têm como lei a oferta e a procura. (MARTIN, 2003, p. 15)

Os locais de exibição sempre ocuparam uma posição determinante na instituição cinematográfica. É ali que o consumidor finalmente entra contato com o filme, e os investimentos de produção devem se pagar – e não podemos esquecer que temos aqui um produto muito específico, que demora anos para ser feito, e cujo valor comercial se esgota a cada dia após seu lançamento. (MENOTTI, 2007, p. 11)

Hoje em dia de acordo com (FRIEDBERG, 1994: 95 apud MENOTTI, 2010 pg. 12) “A projeção do filme acaba se tornando uma espécie de espetáculo de marketing para uma série de mercados acessórios, e a sala de cinema passa a ser nada mais do que uma vitrine”.

A exibição se tornou um procedimento cada vez mais transparente, de forma que o mínimo de interferência atuasse sobre a fruição do filme tal como ela havia sido originalmente planeada. Por isso, tanto o ruidoso Nickelodeon quanto o opulento movie palace acabaram substituídos pelo multiplex de centro comercial, local de consumo por excelência, cuja arquitetura espartana não possui qualquer marco espacial e favorece um fluxo ininterrupto de público e de obras. (MENOTTI, 2010, p. 12)

As técnicas de exibição têm um choque significativo em toda a era cinematográfica. São elas que constituem e fundamentam a recepção fílmica, portanto ela restringiu o experimento do telespectador a uma atividade sócio cognitiva comercialmente estipulada. Gabriel Menotti diz que, “Da mesma forma, a sala de projeção, este templo que é sinônimo de cinema, define a produção e o formato do filme tanto quanto ou mais do que a película, seu suporte secular”. (MENOTTI, 2007, p. 11)

Nos encontramos quase que inteiramente em uma metamorfose do cinema, colocando-o em um ambiente inteiramente digital. O que resta para fazer com que o processo se estabeleça é as diretrizes de distribuição e exibição. Entretanto a indústria é contra, e se restringe exclusivamente as salas de projeções como seu último abrigo. (MENOTTI, 2007, p. 11)

O principal interesse dos agentes que dominam o mercado é manter sua posição privilegiada. A digitalização representa uma séria ameaça a esse desenho, uma vez que acarretaria o completo sucateamento do parque tecnológico vigente, substituindo-o por uma estrutura mais aberta, dinâmica e flexível. (MENOTTI, 2007, p. 11)

2.2 CINEMA X ARQUITETURA

Como aborda Ferrer (2015) “os filmes são capazes de expressar quaisquer que sejam as realidades ou fantasias urbanas que possam haver e que, seja apologético, crítico, cínico ou compassivo, o cinema expressa a cidade”. (FERRER, 2015, p. 10)

Com essa abordagem podemos considerar que o cinema influencia na cidade, por isso o projeto há de fundamentar diretrizes, para que este seja um instrumento que unifique a cidade com a cultura. Assim de acordo com Souza (2012), a inserção de elementos culturais difundidos espacialmente pela cidade, além de favorecer os bens, serviços culturais e a democratização, concebe um elementar instrumento para concretização das diretrizes permanentes designada a fazer com a população veja que além de consumidoras também são produtoras de cultura.

A arquitetura sempre esteve vinculada com os filmes, existe uma relação íntima. A forma como se organiza o espaço, os sistemas construtivos, a reconstrução histórica, a iluminação, assim como na arquitetura, no cinema é de primordial importância para a representação cinematográfica (BENUCCI, 2010, p. 38).

Sendo assim, o cinema, muito mais do que em outras formas de arte, tem um alcance muito maior na sociedade. A ideia central abordada em um filme atinge novos patamares, podendo contagiar mais espectadores com suas imagens, disseminar uma visão e fomentar discussões em torno das questões que levanta. (FERRER, 2015, p. 10)

Segundo Renato Anelli (1990), os instrumentos que recebiam as produções cinematográficas eram fundamentados em salas adaptadas, parques de diversões e cafés, eram colocadas como função dos cartazes anunciar que ali tinha uma sala de cinema. Com a visão de que tinha uma demanda referente a espaços para essa finalidade, cria-se então a importância de saber qual era a tipologia de cenários que se adequava ao tema em questão. (ANELLI, 1990)

A tipologia de arquitetura vista hoje em dia nos cinemas é de que, conforme dito por Friedberd (1994) apud Menotti (2010), “A projeção do filme acaba se tornando uma espécie de espetáculo de marketing para uma série de mercados acessórios, e a sala de cinema passa a ser nada mais do que uma vitrine”.

O cinema é a arte da ilusão espacial. O que vemos pode ter como base um espaço existente, mas a sua representação é sempre efeito de uma manipulação do espaço, de modo a criar a imagem pretendida. A narrativa cinematográfica gira em volta das personagens e da interação que existe entre elas e destas com o espaço. A cidade utilizada para cenário, quer seja real ou fictícia, tem um papel importante na delimitação do espaço de ação dos atores, definindo toda a sua movimentação, fazendo com que a sua presença seja tão relevante como qualquer uma das personagens principais. (AVILA, S.X. 2011)

Segundo Anelli (1990), atualmente a arquitetura vista nos cinemas, é influenciada pelo que é reproduzido na tela, portanto os cinemas conseguem exemplares de formas exóticas e arquitetura kitsch. Participa também deste momento da arquitetura o movimento moderno, que é o responsável pela implantação de salas de cinema, sob as novas regras da arquitetura internacional. Assim sendo, as diretrizes dos cinemas conquistam grande parte na época, integradas talvez pelo uso de outdoors e cartazes que possuíam lugares reservados em todas elas. A rápida redução dessa arquitetura distorcida e incoerente, que buscava sempre mesclar com as imagens projetadas no cinema, deu lugar a uma arquitetura posterior, que apoiavam a informação, de cavalete para outdoors, reduzindo assim sua importância como um símbolo de urbanidade na metrópole. (ANELLI, 1990)

O projeto busca integrar o instrumento arquitetônico com o entorno, colocando o edifício como uma obra que pertença a população, e garanta seu lazer, assim como é colocado no plano diretor de Cascavel por Dias (2005); Feiber (2005); Mukai (2005); Dias (2005):

Com soluções objetivas e redação de fácil entendimento, priorizando sempre o homem e sua escala, o referido Plano visava propiciar condições adequadas para que a cidade pudesse melhorar as condições de convívio social, por meio de locais propícios ao lazer, revitalização da área central, áreas exclusivas para pedestres e Centro de vivência”. (Dias 2005; Feiber 2005; Mukai 2005; Dias 2005 p. 82)

A Cinemateca busca diretrizes projetuais arquitetônicas e paisagísticas, conforme necessidade do entorno aonde for inserido. Segundo Pereira (2010), visualizar a arquitetura é vê-la diante do projeto da construção do edifício em si. Pensar em seu entorno, na cidade, é de extrema importância pela configuração que esse instrumento consolidara no espaço urbano. Entretanto não é difícil ver que nas grandes cidades brasileiras a maior relação do edifício com seu entorno são a privacidade e o isolamento.

O projeto busca disseminar a relação inclusiva da sociedade no contexto do projeto. Assim como diz Choay (1979),

A arquitetura é uma arte que todo mundo deveria aprender porque interessa a todo mundo; e é de uma tal simplicidade que é tão indesculpável não se estar familiarizado com suas regras elementares quanto ignorar a gramática e a ortografia. (CHOAY, 1979, p. 124)

2.3 O CINEMA E O ESPAÇO URBANO

Nos dias atuais, o mercado proposto é denominado pelas características dos cinemas multiplex integrados em shoppings centers, que representam 87,5%, no qual só 12,5% do modelo de cinema de rua é contra.

Visto por Vargas (1992) “os shoppings centers centrais buscavam incorporar comerciantes locais, desprezar as grandes lojas, dar ênfase à mistura de usos urbanos, introduzindo uma

decoreção personalizada para promover uma sensação de autenticidade e de não-padronização”. (VARGAS, 1992, p. 7)

De acordo com a Agência Nacional do Cinema (ANCINE), o aumento no número de salas de cinemas está relacionado com as implantações de novos shoppings centers, o que interfere na introdução de cinema em cidades de baixo porte. Cidades com menos de 100 mil habitantes não são contempladas com os shoppings center e assim a população não tem acesso a esse instrumento cultural nessas cidades. A situação é curiosa, enquanto a chegada dos primeiros cinemas às cidades representava uma alternativa apropriada ao espaço público, já as novas tipologias do mesmo ficam presas em um empreendimento que nem sequer atende a cidades com menos de 100 mil habitantes.

Não só no contexto cultural, mas as cidades em si dão mais valor a uma arquitetura bancária, assim como coloca Miranda (1996) “Durante mais de meio século a cidade construiu sua imagem séria e circunspecta de centro fabril, comercial e financeiro, marcando a paisagem urbana com suas chaminés, seus corredores comerciais e sua rica e emblemática arquitetura bancária”. (MIRANDA, 1996, p. 15)

Segundo Sun (2008), A partir de diretrizes racionais de projeto, as qualidades primordiais do espaço e convívio social vem à tona. As utilizações de fundamentos de conexão entre espaços não privativos promovem e amplia a variedade de usuários. Ter noção do uso do espaço é importante para visar as necessidades dos usuários e apontar os pontos negativos e positivos do local. (SUN, 2008, p. 27)

Segundo Souza (2012),

A implantação de equipamentos culturais distribuídos espacialmente pela cidade, além de promover a democratização dos bens e serviços culturais, constitui importante instrumento para realizar programa permanente destinado a despertar nas pessoas a compreensão de que, mais do que consumidoras, são também produtoras de cultura. (SOUZA, 2012, p. 39)

Os centros urbanos deteriorados pela super densidade, são objetos de muita preocupação, portanto, conforme Vargas (2006); Castilho (2006), resgatar o centro urbano das metrópoles hoje em dia, expressa, entre outros pontos de vista, reestabelecer a imagem da cidade que, ao preservar a sua história, gera um espírito de pertencimento e comunidade. Quer

dizer que também causa a reutilização dos edifícios e consequentemente o reconhecimento do empreendimento construído; aperfeiçoar a utilização do sistema construtivo estabelecido; estimular o contexto comercial que tem uma relação de origem e gerar novos empregos. Em resumo, implementar diretrizes buscando e visando chamar a atenção para investimentos, de usuários, moradores, turistas que estimulem a economia urbana e auxiliem para a reparação da qualidade de vida, encaminhando assim a uma gestão urbana que execute uma intervenção. (VARGAS, 2006; CASTILHO, 2006; p. 6)

O espaço que se diz público vem sendo muito questionado por arquitetos, urbanistas, geógrafos, sociólogos, e antropólogos durante os últimos anos. Entende-se como espaço público o reflexo do que é a sociedade. Portanto os estudos fundamentados no conceito de espaço público buscam transformações a partir das problemáticas, criando assim espaços de coletividade e com muito senso de comunidade. (CARERI, 2013, p. 170)

Segundo Júlio Arroyo (2007), o espaço público entende-se como um instrumento constitutivo da cidade, que expressa um campo geral de integração social que distingue a cidade. Esse espaço é constituído por: Estado, Sociedade e Cultura, com pontos de vistas próprios para cada finalidade, colocadas como conceitos amplos de cidadania, jurisdição e imaginário coletivo.

O processo de fuga do controle e da gestão pública das funções da cidade contribui para o desaparecimento do sentido público e político da cidade, dando-se ênfase quase exclusiva a uma concepção de espaço urbano onde prevalece o caráter, o modelo privatista de cidade de sociedade. (ROLNIK, 2000)

Os espaços públicos são uma característica necessária para o bem-estar social de uma cidade, assim como diz a Professora de Sociologia Saskia Sassen,

[...] O espaço das ruas, que obviamente inclui praças e qualquer espaço aberto disponível, é mais cru e menos ritualizado. A rua pode, assim, ser concebida como um espaço no qual novas formas sociais e políticas podem ser construídas, em vez de um espaço que decreta rotinas [...]. (SASSEN, 2013)

A Arquiteta e Urbanista, Paula Santoro (2013) aborda:

Em São José dos Campos, vi um conjunto de muros cercando uma praça triangular. Essa foi a resposta a uma lei que exige que as áreas públicas estejam fora dos loteamentos fechados, justamente porque são públicas. Mas se está cercada por quatro loteamentos fechados, o que há de público nisso? Quem vai frequentar uma praça aberta, mas entre muros? A coalizão se expressa quando em uma ponte em São Paulo não é permitido passar de bicicleta, nem a pé, nem de ônibus. E não é uma ponte qualquer, é um cartão-postal. Expressa-se quando é preciso apresentar documentos para andar em uma rua que era pública. Ou quando se fecha um balão de uma rua sem saída para fazer uma construção privada, e não se pode jogar bola no final da rua da vila. Expressa-se quando o Cine Lumière é fechado, um dos poucos cinemas de rua. Mas o que gostaria de trazer para a discussão é: e o que deve ser o "público" nesse contexto? É mais do que deixar a praça fora dos muros, é mais do que poder ter acesso ao consumo nos shoppings centers, ou fazer uma rua onde não é permitido que qualquer um circule. É preciso produzir espaços públicos, com tudo o que possa haver de público nisso. Não se quer apenas que sejam acessíveis fisicamente, mas que sejam lugares de encontro, de tolerância, de mistura de raças, credos, rendas, agradáveis, seguros, de fruição e, principalmente, um lugar onde a cidadania possa se manifestar, onde o exercício da polis possa acontecer. (SANTORO, 2013)

2.4 TÉCNICAS SUSTENTÁVEIS

Ao longo dos anos a indústria cinematográfica tem ampliando seus horizontes pelo fato de ser um instrumento poderoso na vida de muitas pessoas em torno do mundo, servindo como fonte como formadora de opinião e fonte de lazer. A sétima arte encontra-se em plena expansão, e com isso cada vez mais, assim como as indústrias de bens de consumo, tem participação nos impactos ambientais negativos que o planeta vem passando durante muitos anos, através da geração de resíduos, da emissão de poluentes na atmosfera, contribuindo para a segregação do planeta gerando o efeito estufa. (DIAS Filho, 2011, p. 5)

As confirmações de mudanças climáticas se amplificam de forma preocupante ao longo dos anos. Com base no livro *A adaptação de edificações e cidades às mudanças climáticas* dos autores, Sue Roaf, David Crichton, Fergus Nicol, o verão de 2013 exageradamente quente, preocupou os cientistas sobre a rapidez do aquecimento, mais alarmante do que a visualizada nos mais drásticos cenários. Entretanto, algumas pessoas ao invés de ajudarem nessa questão, agem de forma proposital e sem conhecimento algum e torna a situação bem pior em atitudes comunitárias, negando a ajudar, ainda mesmo no próprio ambiente construído. (ROAF, S.; CRCHTON, D.; FERGUS, N. (2009) p. 20)

As mudanças climáticas cada vez mais prenunciam a probabilidade de catástrofes naturais de grande escala. A teoria da contração e convergência mitiga estas perdas ao integrar as características-chave da diplomacia e do desenvolvimento globais necessários à prosperidade e à segurança internacional no longo prazo. A teoria sintetiza os objetivos e os princípios da UNFCCC de maneira constitucional, e não conjectural, de forma que os fundamentos necessários para a transição a um novo crescimento e à prosperidade sejam especificamente guiados por este acordo para a utilização de tecnologias de conversão energética com emissão zero de carbono, que tornam a prosperidade e a segurança possíveis. (ROAF, S.; CRCHTON, D.; FERGUS, N. (2009) p. 20)

A implantação de edifícios se tornam cada vez mais doentes, como afirma Sue Roaf, David Crichton, Fergus Nicol, “As edificações estão cada vez mais “doentes” [...] a qualidade do ar interno pode ser pior nas edificações climatizadas mecanicamente do que naquelas com ventilação natural”. (ROAF, S.; CRCHTON, D.; FERGUS, N. (2009) p. 20).

A arquitetura sustentável é a geração mais originária da bioclimática, observando também o edifício em totalidade com o espaço urbano, tornando assim um projeto com um contexto bem maior. (CORBELLA, 2003, p. 17). E a principal característica da arquitetura bioclimática sustentável é dar o melhor conforto possível, e melhorar os impactos ambientais e proporcionar um bem-estar aos usuários que vão adquirir e adentrar qualquer instrumento arquitetônico projetual, assim como coloca Corbella (2003), “O objetivo do projeto de Arquitetura Bioclimática é prover um ambiente construído com conforto físico, sadio e agradável, adaptado ao clima local [...]” (CORBELLA, 2003, p. 37).

O protocolo de Kyoto, um tratado internacional com compromissos para a redução da emissão de gases do efeito estufa, realizado na cidade de Kyoto em 1997 e ratificado em 2005, propõe metas de redução da emissão dos gases do efeito estufa, para os países membro, diferenciadas de acordo com os níveis de desenvolvimento dos países. Estas metas de redução são conhecidas como certificado de carbono (ou crédito do carbono), e correspondem aos níveis de emissão de CO₂. O volume destas emissões pode ser obtido através do cálculo da pegada de carbono, medida em toneladas de dióxido de carbono equivalente (CO₂) e pode ser convertido em ações compensatórias, tais como investimentos em reflorestamento ou no desenvolvimento em fontes de energia renováveis. (DIAS Filho; apud EGRI e FROST, 1994)

Atualmente o fator construção civil, é um dos maiores contribuintes para os desgastes ambientais. Quantidades imensas de dejetos e resíduos se dão origem pelas obras, e diversos recursos naturais são utilizados. Com isso em foco, foi visto que com a racionalização das execuções de obras boa parte da produção dos dejetos e resíduos podem ser amenizados. (MESQUITA, 2011, p. 7)

O processo de desenhar/modelar lenta, experimental e hipoteticamente revela a direção do projeto [...]. Por trás do primeiro croqui encontra-se valores, atitudes, pressuposições e conjuntos de conhecimento. Para melhor ou para pior, a arbitrariedade, a inspiração e outras influências interferem quando menos se espera. Um forte senso de valores de projeto e valores ambientais pode ajudar a filtrar esses inúmeros impulsos. (LEAL, 2015)

3 CORRELATOS

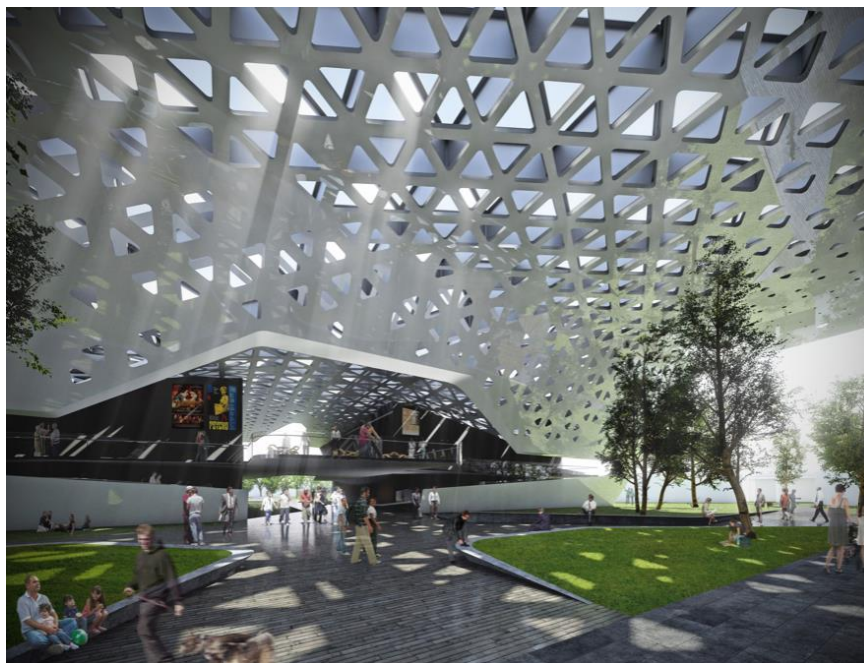
Como fundamentos metodológicos para se adquirir uma referência arquitetônica formal e funcional a pesquisa e análise de projetos correlatos é de extrema importância para a composição do estudo abordado, pois desses será comprovada a fundamentação teórica da pesquisa realizada anteriormente nessa monografia. Como relevância na definição de correlatos foram levadas em consideração as seguintes temáticas:

- Grandes vãos
- Funcionalidade
- Plástica
- Partido estrutural
- Relações com o entorno
- Acupuntura Urbana

3.1 CINEMATECA NACIONAL DO SÉCULO XXI (EM CONSTRUÇÃO)

3.1.1 ASPECTO CONTEXTUAL

Figura 1: Vista interna Cinemateca Nacional



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-66102/em-construcao-cinemateca-nacional-do-seculo-xxi-rojkind-arquitectos>

O escritório Rojkind Arquitectos foi o vencedor do concurso proposto pelo conselho nacional da cultura e das artes de uma “Cineteca Nacional del Siglo XXI”. O edifício será parte de um projeto que inclui o Museu do Cinema e também uma Videoteca Digital projetados por Gabriela Carrillo e Mauricio Rocha.

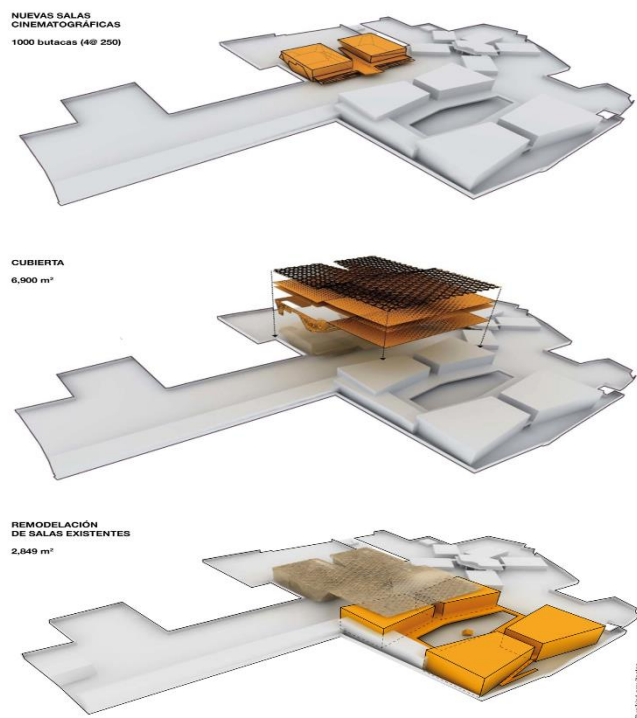
De acordo com Fernanda Brito (2012), para a expansão e intervenção da Cinemateca Nacional foi importante a consciência e compreensão de mudança que aconteceu no cinema, como propõe a frase “imagens em movimento”.

A nova Cinemateca Nacional tem que entender a condição prevista, defendendo o acervo cinematográfico do país, e transformando em acessíveis para a população. O edifício não deve atender só os filmes, mas também um espaço de entretenimento para que as pessoas desfrutem da mais avançada tecnologia.

O projeto conta com a reforma total do complexo, atualmente construído como a “Praça do Compositor” em 1884, e transformando em diversas ocorrências até que se restabeleceu o Instituto e Cinemateca Nacional em 1974.

3.1.2 ASPECTO CONSTRUTIVO

Figura 2: Analise construtiva

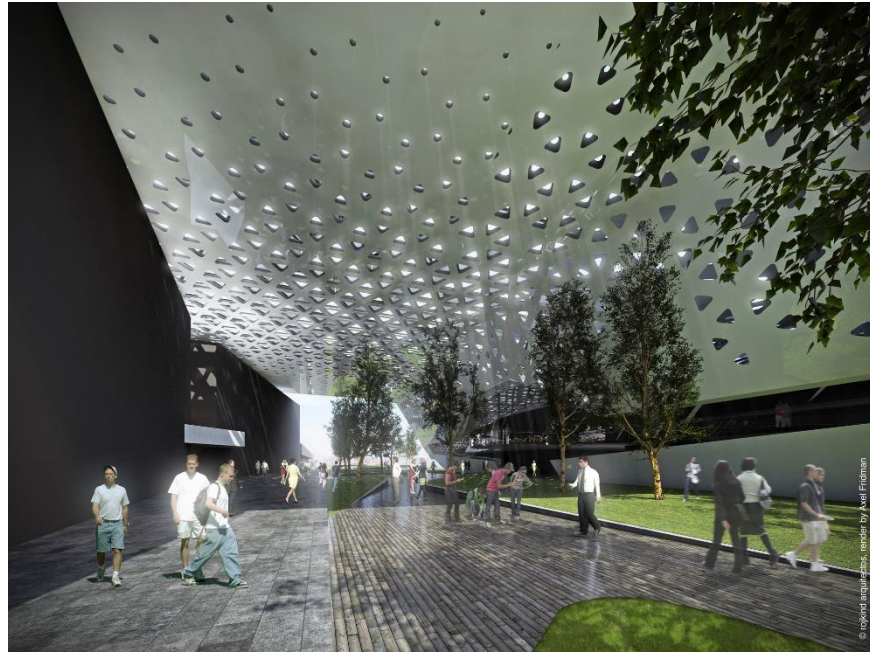


Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-66102/em-construcao-cinemateca-nacional-do-seculo-xxi-rojkind-arquitectos>

O complexo conta com cinco galerias arquivos atualmente, além das salas de cinema, quatro dessas galerias abriga uma coleção de 15.000 filmes clássicos. A superfície da galeria aumentará de 1.500 para 2.200 m² para o estoque de mais de 50.000 rolos de filmes. A área para o laboratório de restauro digital e a galeria será de 500 m² e os escritórios, diminuirão de 1.900 para 1.800m.

3.1.3 ASPECTO FUNCIONAL

Figura 3: Imagem interna com entrada de iluminação.

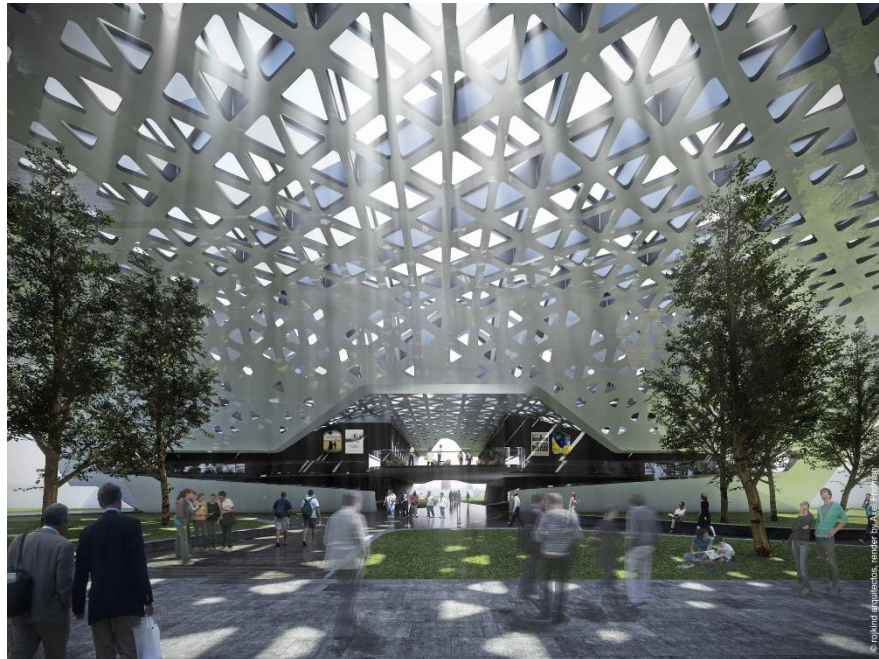


Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-66102/em-construcao-cinematheca-nacional-do-seculo-xxi-rojkind-arquitectos>

De acordo com Alejandro Hernández, a Cinemateca irá propor espaços de conexões físicas e virtuais entre o digital e seus devidos usuários. Uma conexão com dois fundamentos chaves: o piso contínuo que relaciona os diferentes elementos que constitui a cinemateca e a cobertura.

3.1.4 ASPECTO ESTÉTICO

Figura 3: Imagem interna (Aspecto Estético)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-66102/em-construcao-cinemateca-nacional-do-seculo-xxi-rojkind-arquitectos>

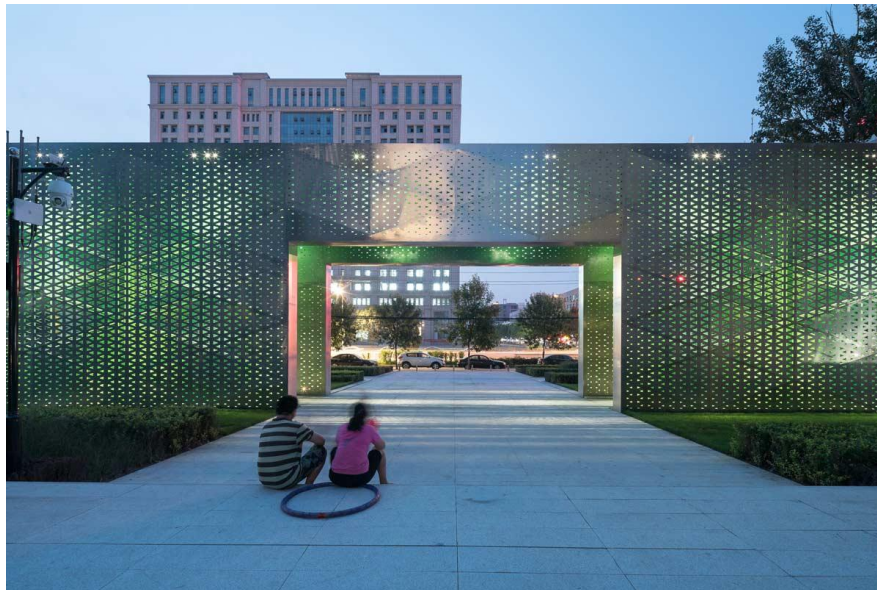
O edifício trata-se de um projeto de intervenção. A estrutura é composta por aço e concreto, e uma diversidade de vidros que permitem a entrada de luz solar abstrata e diferenciada na parte interna. Contém também características especiais de sustentabilidade. A Cinemateca Nacional aumentará sua área contruída de 20.000 para quase 29.000m², os quais 7.000m² são destinados para espaços públicos.

3.2 BEIQIJIA TECHNOLOGY BUSINESS DISTRICT

3.2.1 ASPECTO CONTEXTUAL

Por Carine Savietto (2017), Em Pequim, o distrito de Chamgping, entre as lendárias montanhas nevoadas do Parque Nacional de Dayashan e os tentáculos de uma das metrópoles mais poluídas do planeta. Cooperar para a área combater positivamente seu aumento no desenvolvimento foi a diretriz do estúdio anglo-americano Martha Schwartz Partners (MSP), especialista em urbanismo e paisagismo, ao conceber o Beiqijia Technology Business District.

Figura 4: Imagem de área destinada ao lazer

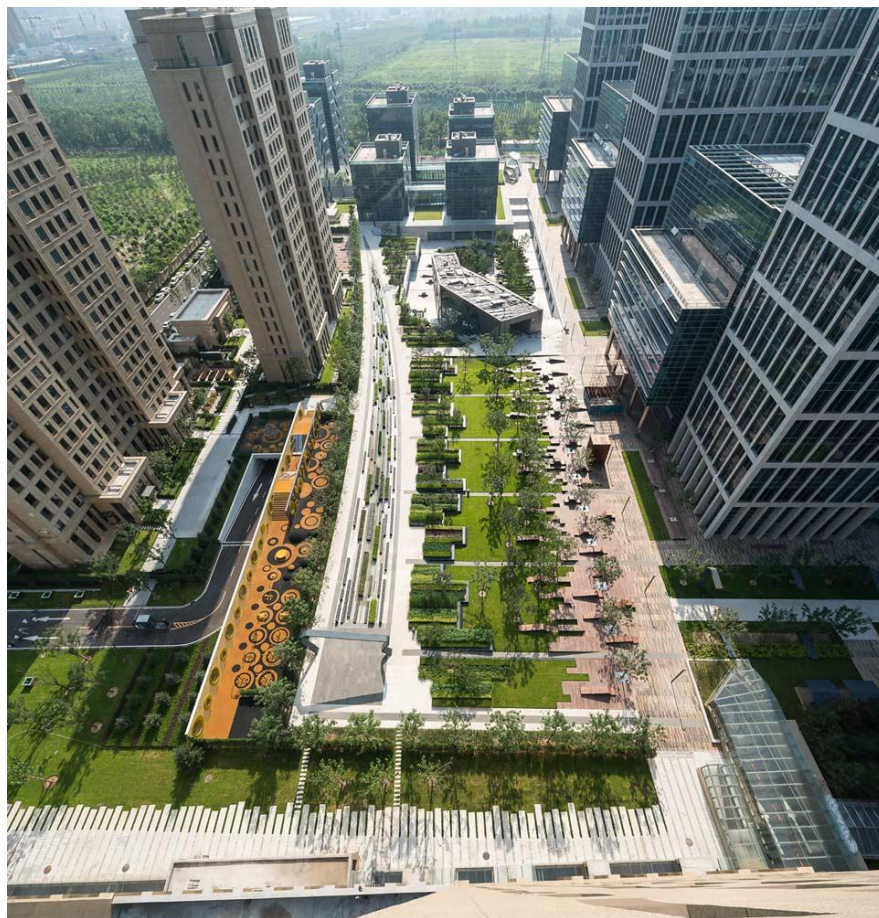


Fonte: <http://www.landezine.com/index.php/2016/11/beiqijia-technology-business-district-by-martha-schwartz-partners/>

3.2.3 ASPECTO CONSTRUTIVO

De acordo com Carine Savietto (2017), o projeto Beiqijia Technology Business District, foi implantado em uma área de 60 mil m², o empreendimento misto contém zonas distintas, um conjunto de edifícios corporativos e um condomínio residencial, os dois assinados pelo escritório RTKL de arquitetura global. Na parte central, encontra-se o coração do projeto, que é um parque não só voltado para os funcionários e moradores dos empreendimentos mas para acesso público também, uma gentileza para a população, pois, assim ocorre uma diminuição das barreiras que separam as áreas comuns das privadas. Markus Jatsh (2017), arquiteto e urbanista em entrevista feita pela Carine Savietto (2017) para a revista AU, ressalta: “É uma proposta realmente pensada para criar uma vizinhança saudável”.

Figura 5: Imagem aérea para análise do entorno



Fonte: <http://www.landezine.com/index.php/2016/11/beiqijia-technology-business-district-by-martha-schwartz-partners/>

3.2.3 ASPECTO FUNCIONAL

Como condicionante do projeto, a redução de ilha de calor se tornou uma meta, com isso, o parque optou por colocar imensos deque pontuados por recortes, de onde surgem as árvores, arbustos e gramíneas perenes. A composição convida a população a relaxar nos bancos que afloram do próprio platô de madeira, caprichosamente posicionados nos locais ensolarados do jardim. (SAVIETTO 2017 p.18)

Figura 6: Implantação



Fonte: <http://www.landezine.com/index.php/2016/11/beiqijia-technology-business-district-by-martha-schwartz-partners/>

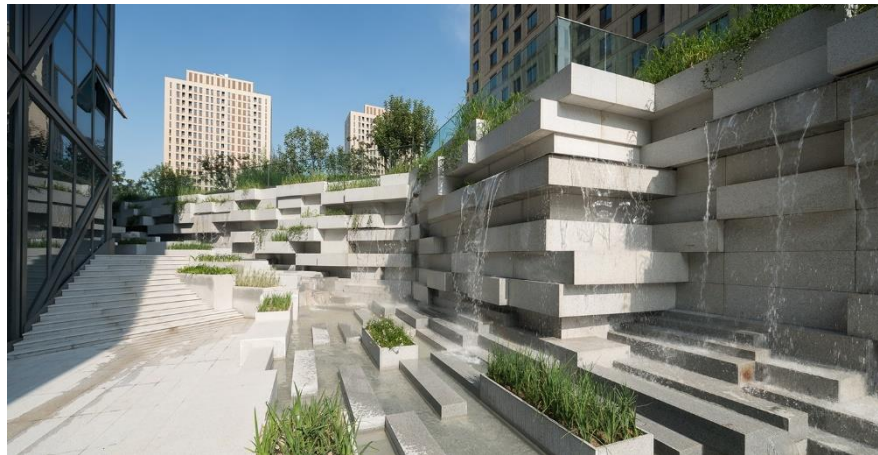
Abordado por Carine Savietto (2017), entre as atrações de lazer público encontra-se o playground com muros e pisos emborrachados indicados para às crianças. Markus Jatsh (2017), arquiteto e urbanista em entrevista feita pela Carine Savietto (2017) para a revista AU, acrescenta ainda: “De chapas metálicas perfuradas com iluminação colorida, nossas versões tem desenho contemporâneo. Além de serem os portões de entrada do parque, fornecem sombreamento e servem de pontos de encontro para os visitantes”.

3.2.3 ASPECTO ESTÉTICO

Através de uma personalidade estética, o empreendimento de Beiqijia conduz-se a um padrão fundamentado em sequências de faixas, usadas de diversas maneiras, estando presentes

na cascata de granito, nos desenhos no deque, nos filetes de pedra do espelho d'água e também na vegetação. (SAVIETTO 2017 p.18)

Figura 7: Cascata de granito



Fonte: <http://www.landezine.com/index.php/2016/11/beiqijia-technology-business-district-by-martha-schwartz-partners/>

3.2 CENTRO GASTRONÔMICO CULTURAL

3.2 ASPECTO CONTEXTUAL

De acordo com Constanza Cabezas (2013), O fundo de investimentos Cimenta, seguindo as mudanças do bairro Bellavista, em Santiago no Chile, realizou um concurso fechado para o projeto de um Novo Centro Gastronômico e Cultural. O terreno localiza-se perto do Parque Metropolitano, a Casa Museo La Chascona del Poeta Pablo Neruda, o zoológico e o Pátio Bellavista.

Os arquitetos Martín Bodas, Rodolfo Miani, Alejandro Anger, Fernando Alvariñas, Rodrigo Bóscolo e Ruben Rodríguez, ganhadores do concurso descrevem um pouco a obra em uma entrevista feita por Constanza Cabezas (2013) ao archdaily:

O terreno em questão se mostra claramente como um espaço vazio dentro de uma zona homogênea e conforma o tecido urbano existente de grande valor cultural. Se apresenta então como ponto de partida para a criação e realização deste espaço urbano organizando o terreno numa estreita relação com o entorno. (BODAS 2013; MIANI 2013; ANGER 2013; ALVARINÃS 2013, BÓSCOLO 2013, RODRÍGUEZ 2013)

Figura 8: Vista Superior do Centro Gastronômico Cultural



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-138615/primeiro-lugar-no-concurso-para-o-centro-gastronomico-e-cultural-bellavista>

3.2 ASPECTO CONSTRUTIVO

Conforme dito pelos arquitetos Martín Bodas, Rodolfo Miani, Alejandro Anger, Fernando Alvariñas, Rodrigo Bóscolo e Ruben Rodríguez, em entrevista ao archdaily: A proposta leva como referência rios onde espontaneamente percorre a água, assim eles querem

que as pessoas façam adentrando nesse centro onde se fez uma rua viva. Essa rua viva que se abre em meio aos empreendimentos se apresenta como um palco de atividades de lazer ao ar livre. A arte e o mercado convivem e se misturam e se integram também com as atividades recreativas.

Figura 9: Implantação Centro Gastronômico e Cultural



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-138615/primeiro-lugar-no-concurso-para-o-centro-gastronomico-e-cultural-bellavista>

Os arquitetos ainda acrescentam:

A configuração morfológica dá lugar a uma ilha programática de grandes locais gastronômicos desenvolvida em três níveis de terraços que agrega o tecido urbano uma nova divisão que convida ao percurso perimetral de todas as faces. Não existem então partes relegadas ou externas para o Centro ou para a cidade. O 'Centro' é cidade incorporada. De qualquer ponto dos três níveis do projeto é possível chegar facilmente a qualquer outro. Assim nossa proposta é apoiada na fachada sul das laterais dos edifícios existentes, completando o tecido urbano segundo legislação e deixando que todas as fachadas olhem e interajam com os espaços urbanos gerados para expansões e até todos os vizinhos. No trabalho da

margem interna do projeto, chamado construção das fachadas internas, é proposta uma relação cheio-vazio equilibrada e de acordo com a fisionomia do entorno. Que junto com o sistema de toldos e sombras minimizam os ganhos de calor no interior, colaborando com o alcance da qualidade do ambiente interno e da eficiência energética do edifício. (BODAS 2013; MIANI 2013; ANGER 2013; ALVARINÃS 2013, BÓSCOLO 2013, RODRÍGUEZ 2013)

3.2 ASPECTO FUNCIONAL

A organização do projeto auxilia e dá lugar a uma sinuosa ilha programática de diversos empreendimentos gastronômicos que se desenvolve em 3 níveis de terraço que se integram ao tecido urbano e faz com que aquele lugar ganhe uma divisão que convida a população a fazer a caminhar por todas essas faces. Não existe uma divisão do centro e a cidade. Conforme dito pelos arquitetos Martín Bodas, Rodolfo Miani, Alejandro Anger, Fernando Alvariñas, Rodrigo Bóscolo e Ruben Rodríguez: “O ‘Centro’ é cidade incorporada”.

Figura 10: O Centro como Cidade incorporada.



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-138615/primeiro-lugar-no-concurso-para-o-centro-gastronomico-e-cultural-bellavista>

Como os arquitetos abordam:

De qualquer ponto dos três níveis do projeto é possível chegar facilmente a qualquer outro. Assim nossa proposta é apoiada na fachada sul das laterais dos edifícios existentes, completando o tecido urbano segundo legislação e deixando que todas as fachadas olhem e interajam com os espaços urbanos gerados pelas expansões e até todos os vizinhos. (BODAS 2013; MIANI 2013; ANGER 2013; ALVARINÃS 2013, BÓSCOLO 2013, RODRÍGUEZ 2013).

3.2 ASPECTO ESTÉTICO

Os arquitetos em entrevista com Constanza Cabezas (2013), abordam sobre as diretrizes projetuais: “O projeto contempla um sistema de espaços verdes em superfícies horizontais e verticais em todos os seus níveis. Propõe a utilização da vegetação nativa ou de espécies bem adaptadas que permite o baixo consumo de água para a rega”. A principal característica da organização e fundamentação dos espaços verdes é poder propiciar um conforto melhor aos visitantes e amenizar as ilhas de calor. Os arquitetos ainda acrescentam: “Este sistema é acrescido de um subsistema de água de três fontes ou tanques interconectados que auxiliam este objetivo principal”. O planejamento do projeto, a observação de acessos de visitantes, empregados, carros, configurou em um ótimo padrão urbano.

Figura 11: Vista pátio central (área de lazer)



Fonte: <http://www.archdaily.com.br/br/01-138615/primeiro-lugar-no-concurso-para-o-centro-gastronomico-e-cultural-bellavista>

Os arquitetos colocam também:

A estrutura do edifício está prevista ser executada em concreto armado tradicional. Nos pavimentos superiores considerou-se trabalhar com vigas e pilares tradicionais devido ao fato das luzes a salvar não são de dimensões excessivas e não há restrições nem limitações quanto à altura. Se o tema da velocidade na construção é fator importante, poderia considerar-se a utilização de vigas e pilares metálicos, não há questões que o impedem. (BODAS 2013; MIANI 2013; ANGER 2013; ALVARINÃS 2013, BÓSCOLO 2013, RODRÍGUEZ 2013).

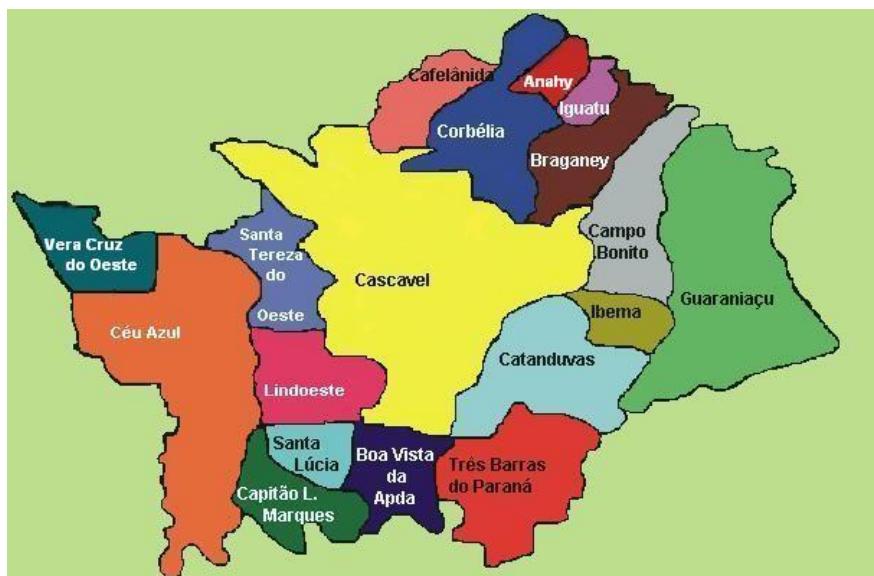
4 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO - DIRETRIZES PROJETUAIS

Neste capítulo serão apresentados fundamentos e diretrizes de projeto segundo os aspectos analisados pelos referenciais acima abordados.

4.1 BREVE HISTÓRICO DE CASCAVEL

Pegando como base o livro Cascavel – a História de Alceu A. Sperança (1992), Cascavel localiza-se 24°58' latitude Sul e 53°26' longitude Oeste, a 800 metros de altitude. Alceu (1992) coloca que o município de Cascavel: “viveu seu primeiro ano de Município criado ainda na condição de Distrito de Foz do Iguaçu, até a instalação, em 14 de dezembro de 1952, quando efetivamente inicia vida autônoma”.

Figura 12: Mapa do oeste do Paraná



Fonte: Google Imagens

Os arquitetos Caio Smolarek Dias, Fúlvio Natércio Feiber, Hitomi Mukai e Solange Smolarek Dias, no livro “Cascavel: um espaço no tempo”, caracteriza Cascavel como “A Encruzilhada”, pois desde o começo contava com uma infraestrutura de estradas muito maior que a necessária.

A cidade de Cascavel desde o princípio se caracteriza como uma encruzilhada, e ao longo do tempo torna um centro, um grande pólo. Desde os primórdios a cidade segue um lema de que Cascavel é uma metrópole em construção. De acordo com Alceu (1992): “A sede do novo Município se apresentava como referência sempre constante para todos os colonos pioneiros que se dirigiam a região”.

Com essa referência, e porte, Cascavel tem um alto índice de aumento populacional, de acordo com IBGE, em 2010 na cidade havia 286.205 e em 2016 já havia 316.226. De fato, não só Cascavel, mas em muitas cidades o crescimento demográfico preocupa os arquitetos e planejadores, pois nosso papel é planejar a cidade para que ela cresça de forma sustentável e ordenada não agredindo o meio ambiente.

De acordo com a Arquiteta e Urbanista Marta Dora Grostein (2001):

O avanço da urbanização, sua escala e velocidade não constituem problema em si, não fosse o *modo* como ocorreu. Deve-se estar atento para esse processo, pois a sustentabilidade do aglomerado urbano/metropolitano, em sua componente físico-urbanística, relaciona-se com as seguintes variáveis: a forma de ocupar o território; a disponibilidade de insumos para seu funcionamento (disponibilidade de água); a descarga de resíduos (destino e tratamento de esgoto e lixo); o grau de mobilidade da população no espaço urbano (qualidade do transporte público de massa); a oferta e o atendimento às necessidades da população por moradia, equipamentos sociais e serviços; e a qualidade dos espaços públicos. Dessa forma, as políticas que sustentam o parcelamento, uso e ocupação do solo e as práticas urbanísticas que viabilizam estas ações têm papel efetivo na meta de conduzir as cidades no percurso do desenvolvimento sustentado. (DORA, 2001)

Sabendo desse preocupante tema e a importância da nossa função nesse problema, o projeto aqui relatado terá como principal referência a Acupuntura Urbana. Como citado por Jaime Lerner:

Acredito que algumas “magias” da medicina podem, e devem ser aplicadas às cidades, pois muitas delas estão doentes, algumas quase em estado terminal. Assim como a medicina necessita de interação entre médico e paciente, em urbanismo também é preciso fazer a cidade reagir. (LERNER, 2011, p. 7)

4.2 LOCALIZAÇÃO

O terreno que contemplará a Cinemateca está situado no local aonde era a antiga rodoviária de Cascavel. A proposta é de que este projeto possa criar um triângulo cultural, pois está perto da Arquidiocese de Cascavel, juntamente com a Biblioteca pública.

Figura 13: Consulta Prévia

 Geo Cascavel		MUNICÍPIO DE CASCAVEL SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E URBANISMO	
ATENÇÃO: A PARCELA SELECIONADA TRATA-SE DE UMA ÁREA NÃO LOTEADA (CHACARA OU GLEBA), PORTANTO O REQUERENTE DEVERÁ PROTOCOLAR SOLICITAÇÃO DE DIRETRIZES BÁSICAS, APRESENTANDO OBRIGATORIAMENTE ESTE INFORMATIVO IMPRESSO NO ATO DO PROTOCOLO.			
CONSULTA DE VIABILIDADE EDIFICAÇÃO			
INSCRIÇÃO IMOBILIÁRIA	NÚMERO DA CONSULTA		DATA
100185001	18514/2017		23/05/2017
DADOS CADASTRAIS			
Lote: 001B	Quadra: 0011	Área do Lote(m²): 1480,87	
Loteamento: LOTEAMENTO CENTRO		Bairro: CENTRO LOTEAMENTO	
Logradouro: ERECHIM		Número: 1951	
Testada Principal (m)		Testada Secundária (m)	
20,5		18,0	
MAPA DE ZONEAMENTO			
ZEA 1 - Centro 1 - BACIA			
			

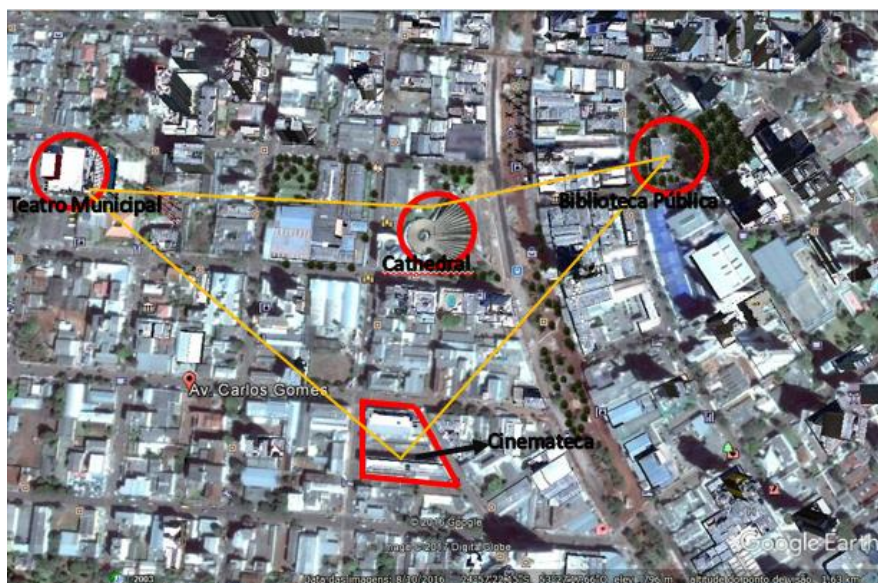
Fonte: GeoPortal Cascavel

Pegando como base o Triângulo São Paulo, a proposta é criar dentro deste eixo, um percurso cheio de entretenimento voltado ao aspecto cultural. O projeto busca integrar-se com a cidade, colocando e proporcionando áreas verdes e ruas vivas entre o aparelho cultural. De fato, é de extrema importância o fato de fazer com que aquele local que está deteriorado, tenha uma nova cara, uma nova função dentro da cidade.

Como colocado pelo Arquiteto e Urbanista Jaime Lerner (2011):

As intervenções se dão mais por necessidade que por desejo, para recuperar feridas que o próprio homem produziu na natureza, como as pedreiras. Com o tempo, estas feridas criaram uma outra paisagem. O aproveitamento destas paisagens e das correções do que o homem havia feito errado é acupuntura de excelentes resultados. Um exemplo claro, ótimo, é a Ópera de arame, em Curitiba. Ou ainda a retirada da *freeway* em São Francisco (LERNER, 2011, p. 9)

Figura 14: Triângulo Cultural de Cascavel



Fonte: Google Earth (Editado pela autora)

A área que será inserido o projeto localiza-se na parte central, onde há um grande adensamento. A proposta é de que o projeto possa curar aquele lugar, com um resgate cultural, como coloca Jaime Lerner, no livro *Acupuntura Urbana*:

É fundamental que uma boa acupuntura urbana promova a manutenção ou o resgate da identidade cultural de um local ou da comunidade. Muitas cidades hoje necessitam de uma acupuntura porque deixaram de cuidar de sua identidade cultural, um triste exemplo disso é o desaparecimento dos cinemas municipais. (LERNER, 2011, p. 13)

Figura 15: Rua Erechim



Fonte: Google Earth

Figura 16: Rua Rio grande do Sul



Fonte: Google Earth

Figura 17: Rua Carlos Gomes esquina com a Rio Grande do Sul



Fonte: Google Earth

4.3 INTENÇÕES FORMAIS E ESPACIAIS

O projeto da Cinemateca abrangerá uma linguagem arquitetônica contemporânea sem rompimento com o passado. A arquitetura será embasada no contexto da história de Cascavel unindo o que há de arquitetura contemporânea no local, com a do passado.

Embasando nas características do entorno onde será implantado, as intenções formais serão as de que o empreendimento Cinemateca seja dividido em duas partes para que haja uma rua viva no centro onde a população possa desfrutar desse aparelho cultural de forma espontânea e natural.

4.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades a partir das referências dos correlatos é o seguinte:

- Instalações sanitárias masculinas, femininas e cadeirantes
- 3 Salas de Aula p/ 40 Alunos 40m²
- Acessibilidade

- Bloco administrativo
- Sala do diretor
- Sala de professores
- Sala de auxílio pedagógico
- Salas de produção
- Laboratórios de dança
- Laboratórios de teatro
- 3 Studios
- Elevadores de carga
- 2 Elevadores
- Saguão de convivência
- Recepção
- Pequena fábrica de cenários
- Depósitos
- D.M.L
- Cantina
- Refeitório de funcionários
- Cozinha
- 15 vagas de estacionamento para funcionários
- Enfermaria
- Cinema ao ar livre
- 4 Camarins

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que no final desta pesquisa e revisão bibliográfica que a cidade de Cascavel possui fortes potenciais para ser uma referência cultural no Paraná. Justifica-se o tema de forma que uma Cinemateca poderia auxiliar na resolução de problemas da sociedade como a violência, abaixar índices de marginalidade, prostíbulos, consumo de drogas e entorpecentes. A proposta desse projeto tem o foco de dar vida ao local onde será implantado, resolvendo os problemas e criando formas de dar mais lazer e convívio para a sociedade, fazendo com que tenha uma movimentação diária de pessoas e veículos na área. O instrumento cultural visa propor diretrizes e estratégias que possibilitem uma valorização da obra como um marco visual de integração entre o edifício a ser edificado e o meio urbano onde será inserido.

Portanto uma Cinemateca nesse local que está meio esquecido pela população, acrescentaria como um modo de “curar” como um modo de acupuntura urbana, provando assim que a arquitetura é um fundamento essencial para construção social de uma cidade. Foram estudadas e analisadas nessa monografia obras correlatas de referências para nortear e dar diretrizes projetuais para adquirir assim um plano de necessidades para dar início ao anteprojeto.

Com isso, podemos concluir, a partir de todas essas referências e estudos, que a arquitetura se faz cada vez mais importante para o meio, assim como coloca o arquiteto Jaime Lerner (2011), a arquitetura assim como a medicina tem a função de curar a sociedade.

REFERÊNCIAS

CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ – FAG. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos 2015**. Cascavel: FAG, 2015.

Disponível em: <<http://www.fag.edu.br/novo/arquivos/academico-online/manual-de-normas-2015-22.pdf>>. Acesso em: 05 Março, 2017.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

VARGAS, H. C; CASTILHO, A. L. H. **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados**/ Heliana Comin Vargas, Ana Luisa Howard de Castilho. Barueri, SP: Manole, 2006.

CARVALHO, B. B. **Técnicas construtivas e procedimentos sustentáveis** – estudo de caso: edifício na cidade de São Paulo / Bruno Branco de carvalho, Fábio Massaharu Furukawa – Guaratinguetá: [s.n], 2011.

LERNER, J. **Acupuntura Urbana**. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.

ANDREW, J. D. **As principais teorias do cinema: uma introdução** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2002.

FERRER, A.; CAVALCANTI, A; MOURA, M. B. F. **A cidade do cinema** – Belo Horizonte. Ed. 2015.

SASSEN, S. **O que é o espaço público?** – Revista AU – Ed. 232. Julho / 2015. Disponível em: <<http://www.au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/232/o-que-e-espaco-publico-292045-1.aspx>>. Acesso em: 10 de abril, 2017.

SOUZA, C. R. **A cinemateca brasileira e a preservação de filmes no Brasil** / Carlos Roberto de Souza. São Paulo: 2009.

FROTA, A. B. **Manual de conforto térmico: arquitetura, urbanismo** / Anésia Barros Frota, Sueli Ramos Schiffer. – 6. ed. – São Paulo: Studio Nobel, 2003.

SILVA, T. N. GUTMANN, C. **Trabalho Final de Qualificação: Cinema urbano - a sétima arte como escola e cultura**. – Campinas, dezembro de 2014.

MENOTTI, G. **Através da sala escura**. São Paulo – 2017.

MASCARELLO, F. **História do cinema mundial** / Fernando Mascarello – Campinas, SP: Papirus, 2006.

FERNANDES, J. A. R. **Urbanismo sustentável: redução, reciclagem e reutilização da cidade**. Volume I, 2007 – pp. 163 – 178

MARINS, P. N. Trabalho Final de Qualificação: **Cinefilia: instituto de apoio a produção cinematográfica em Uberaba**. – Uberaba, 2016.

KITAMURA, A. L. Trabalho Final de Qualificação: **Cinema: da produção às ruas**. – Campinas – SP. Dezembro de 2015.

OLIVEIRA, L. B. Trabalho Final de Qualificação: **Espaço Nova Iguaçu de cinema** – Universidade Federal Fluminense. 2014/2.

REBELLO, Y.C.P. **A concepção estrutural e a arquitetura**. São Paulo, Zigurate Editora, 2000.

CHOAY, F.; EDITORA PERSPECTIVA S. A. Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 3025 – São Paulo – SP – Brasil

DIAS, C. S; FEIBER, F. N.; MUKAI, H.; DIAS, S. I. S. **Cascavel: um espaço no tempo**. A história do planejamento urbano. Cascavel: Sintagma Editores, 2005.

FERRER, A.; CAVALCANTI, A. **Espaço, Planejamento e Insurgências** – Belo Horizonte 2015.

CORBELLA, O. **Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos – conforto ambiental** / Oscar Corbella. – Rio de Janeiro: Revan, 2003.

ROAF, S. **A adaptação de edificações e cidades às mudanças climáticas** / Sue Roaf, David Crichton, Fergus Nicol; tradução Alexandre Salvaterra. – Porto Alegre : Bookman, 2009.

SOUZA, M. **Cidades Inovadoras – Cascavel 2030** / Marília de Souza – Curitiba: SENAI/PR. 2012.

ALEX, S. **Projeto da praça: o convívio e exclusão no espaço público** / Sun Alex. - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

KORNIS. M. A. **Estudos Histórico**. Rio de Janeiro. vol.5. n. 10. 1992.

DIAS. S.I.S. **História da Arquitetura**. Livro não publicado. Biblioteca da FAG.

MARTIN, M. **A linguagem cinematográfica** / Marcel Martin; tradução Paulo Neves; revisão técnica Sheila Schvartzman. – São Paulo: Brasiliense, 2003.

ARROYO, Julio. **Espacio público**. Fenomenologías complejas y dificultades epistemológicas. Apresentação aceita no VII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Universidade Federal de Bahia, 2002.

LEAL, N. M. G. **O papel do projeto de arquitetura na construção sustentável**. Maio, 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/15.092/5539>> Acesso em: 10 de abril, 2017.

AU. São Paulo, n. 277, abril de 2017.

SPERANÇA, A. A. **Cascavel: a história** / Alceu A. Sperança. – Curitiba : Lagarto, 1992.

GROSTEIN, M. D. **Metrópole e Expansão Urbana** / Marta Dora Grostein. – São Paulo, vol. 15 no. 1 Jan./Marc. 2001.